

#cm

2

QUINTA-FEIRA

os veteranos
Wanda Sá e Roberto
Menescal e o jovem
Theo Bial estão entre
os participantes do
projeto

A hora da bossa sinfônica

Um dos arquitetos da bossa nova, **Roberto Menescal** recebe **Alaíde Costa, Wanda Sá** e o jovem **Theo Bial** em concerto com a **Orquestra Villa-Lobos** que revisita os **clássicos do movimento** em arranjos para **música de concerto**. Páginas 2 e 3

A intimidade da bossa encontra a amplitude sonora de uma orquestra

AFFONSO NUNES

Guardião das melhores tradições da bossa nova, Roberto Menescal está sempre envolvido em projetos relacionados a esta que é o gênero de música brasileira de maior reconhecimento mundial. E nesta quinta-feira (9), no palco do Teatro Riachuelo, ele divide a noite com Alaíde Costa, Wanda Sá e Theo Bial tendo o acompanhamento da Orquestra Sinfônica Villa-Lobos, sob regência de Adriano Machado. O projeto é inovador e, porque não dizer, ousado por levar a atmosfera intimista que marca as composições da bossa nova para a grandiosidade de uma formação sinfônica com suas múltiplas camadas sonoras.

Instrumentista, compositor e produtor, Menescal formou-se com mestres como Guerra Peixe e Moacir Santos, consolidando-se como um talento de sua geração no violão. Aos 18 anos, acompanhou a cantora Sylvinha Telles em turnê. Ao lado de Carlos Lyra, abriu uma academia de violão onde conviveu com Nara Leão, desenvolvendo parcerias que marcaram o movimento.

Entre suas composições mais conhecidas estão “O Barquinho”, “Você” e “Nós e o Mar”. Participou do concerto de bossa nova no Carnegie Hall em 1962, marco da expansão internacional do gênero. Com mais de 400 composições registradas, trabalhou como produtor da Polygram/Philips por 15 anos e fundou o selo Albatroz Discos. Apresentou-se em Estados Unidos, Japão e Europa, gravando com artistas como Wanda Sá, João Donato e Toots Thielemans.

Cantora e violonista, Wanda Sá estudou violão com Menescal e, em 1962, tornou-se professora na escola de música mantida por ele e Carlos Lyra, em Copacabana. Seu primeiro álbum, “Wanda Vagamente” (1964), foi produzido pelo amigo que reuniu músicos como Dom Um Romão e Edison Machado, tornando-se referência no repertório bossanovista. Integrou o grupo Brasil ‘65 de Sérgio Mendes, excursionando pelos Estados Unidos. Gravou diversos álbuns em parceria com Roberto Menescal e João Donato.



Wanda Sá, Theo Bial e Roberto Menescal



Alaíde Costa



Maestro Adriano Machado, regente da da Orquestra Villa-Lobos

Cantora e compositora, Alaíde Costa iniciou carreira em meados dos anos 1950, após trajetória em programas de calouros no rádio. Nascida no subúrbio carioca, destacou-se em concursos musicais. Em 1955, assinou contrato como crooner do Dancing Avenida e gravou seu primeiro disco em 1956. Figura associada

aos primórdios da bossa, integrou o grupo de artistas das primeiras apresentações do movimento, ao lado de Sylvia Telles, Carlos Lyra e Menescal. Desenvolveu ainda parcerias autorais com Vinícius de Moraes, Tom Jobim e Johnny Alf. Cantor e compositor carioca, Theo Bial desenvolve trabalho influenciado pela bossa nova,

dialogando com a tradição da música popular brasileira. Após os álbuns autorais “Vertigem” (2022) e “Neo-Bossa” (2023), dedicou-se a projeto centrado na obra de Chico Buarque, levando o projeto ao Japão em 2025, apresentando-se ao lado de Roberto Menescal e Lisa Ono. Fundada em 2000 pelo maes-

tro Adriano Machado, a Orquestra Sinfônica Villa-Lobos nasceu com proposta de aproximar a música de concerto do grande público sem renunciar. Destaca-se pela integração entre tradição do repertório de concerto e música popular. Com repertório plural e acessível, a orquestra já se apresentou em teatros, escolas, praças públicas e praias, alcançando públicos em diferentes regiões do Brasil. O grupo já dividiu palco com artistas como Roberto Carlos, Alok, Jorge & Mateus e Fábio Jr. Projetos como ViolinLive e apresentações em formato Cine Concert demonstram sua capacidade de renovação e diálogo com novas formas de fruição musical.

O repertório da noite inclui composições de Tom Jobim, Vinícius de Moraes, Carlos Lyra e outros nomes que definiram a linguagem musical da bossa nova. Menescal apresentará “Barquinho” e “Ah Se Eu Pudesse”, feitas em parceria com Ronaldo Bôscoli, além de “Wave” ao lado de Alaíde Costa. Com Theo Bial, o artista executa “Rio” e “Vagamente” com Wanda Sá. Alaíde Costa, que gravou o repertório bossanovista desde os anos 1960, traz “Insensatez”, “Sabe Você” e “Eu e a Brisa”. Wanda Sá apresenta “Samba de Verão”, “Manhã de Carnaval” e “Coisa Mais Linda”. Theo Bial, que revisita e atualiza o gênero em suas interpretações, canta “Minha Namorada” e “Rosa Morena”. A apresentação inclui ainda números com participação conjunta dos quatro artistas, como “Chega de Saudade” e “Só Danço Samba”, ambas de Tom Jobim e Vinícius de Moraes.

O evento integra “Bossa Nova Hoje e Sempre”, um projeto multiplataforma que se estende até o próximo ano com o lançamento de um portal digital sobre a história da bossa nova, videocasts, talkshows, álbuns e uma exposição dedicada ao gênero.

SERVIÇO

BOSSA NOVA HOJE E SEMPRE

Orquestra Sinfônica Villa-Lobos com Roberto Menescal, Alaíde Costa, Wanda Sá e Theo Bial
Teatro Riachuelo (Rua do Passeio, 38 – Centro)
9/4, às 20h
Ingressos entre R\$ 100 e R\$ 220

ENTREVISTA | **ROBERTO MENESCAL**

MÚSICO, COMPOSITOR E PRODUTOR

'A bossa nova está viva, muito viva!'

AFFONSO NUNES

Por trás da ideia de verter os maiores sucessos da bossa nova para um formato de orquestra está a mente ativa e inquieta do músico, compositor e produtor Roberto Menescal, um dos pioneiros deste movimento e, porque não dizer, um de seus arquitetos.

Nascido em Vitória e criado no Rio de Janeiro, iniciou seus estudos musicais ainda na adolescência, passando pelo piano e acordeão até se firmar no violão, instrumento que marcaria sua trajetória. Autor de canções como "O Barquinho", "Você", "Nós e o Mar", Menescal foi um dos participantes do icônico concerto do Carnegie Hall (Nova York), em 1962, que abriu as portas do mundo para a bossa nova.

Paralelamente, construiu carreira como produtor e diretor artístico da Polygram/Philips por 15 anos, período em que trabalhou com nomes importantes da MPB. Fundou ainda o selo Albatroz Discos e desenvolveu projetos em cinema e televisão, incluindo trilhas sonoras e programas musicais. Com mais de 400 composições registradas e extensa discografia, mantém, aos 88 anos atividade constante na música brasileira.

Tornou-se embaixador do movimento levando a música brasileira para os quatro cantos do mundo e hoje é um legítimo guardião desta tradição. Mas não pensem num guardião arraigado ao passado. O veterano músico ajudou a revelar cantoras como Leila Pinheiro e Cris Delanno e agora faz do jovem cantor e compositor Theo Bial seu mais novo parceiro e até anuncia um álbum com o músico carioca.

Nesta conversa com o Correio da Manhã, Menescal avisa, com sua serenidade habitual, que a bossa nova está mais viva do que nunca.

Como o senhor vê a transformação de canções consagradas da Bossa Nova executadas por uma orquestra sinfônica? O que a orquestra adiciona ou transforma na obra original?

Roberto Menescal - Ela pode transformar tudo, se ela quiser transformar mesmo, e pode adicionar algumas coisas, mas manter a forma original da nossa criação. Eu acho que o que a gente vai fazer é isso, quer dizer, usar o poder de uma sinfônica que valoriza a nossa música, mas mantendo também os dados iniciais e a forma que a gente as concebeu. Eu espero que seja assim, e vai ser.

Quem fez os arranjos para orquestra? Como foi adaptar composições criadas na intimidade do violão e voz para uma orquestra inteira?

Os arranjos foram feitos pelo maestro Adriano Machado e ele adaptou as nossas composições, criadas com violão e voz, para uma orquestra inteira. Ou seja, essa formação orquestral vai abrir as obras, algo como se você tivesse um videozinho aqui e, de repente, tivesse a nossa música no cinema, uma coisa bem maior. E tenho certeza que vai ser uma coisa que vai acrescentar muito para a gente e para o público.

Como foi o trabalho com o maestro Adriano Machado?



Fernanda Assis/Divulgação

“*Não consegui ser arquiteto na vida, arquiteto na minha profissão de origem, mas acho que sou um dos arquitetos da bossa nova e acho que estou cumprindo meu papel. Tenho a preocupação de manter a nossa coisa acesa, mais atual, não ficar de vivendo de passado”*

Ele trouxe alguma visão que o surpreendeu ou que mudou sua forma de pensar sobre essas canções que você conhece tão bem?

Na verdade a gente não esteve juntos. A gente mandou para o maestro uma espécie de rascunho do que a gente acha que pode ser legal numa adaptação das canções para o formato orquestra, mas dando a ele liberdade total para que crie em cima. A gente quer aprender também com o que ele pode criar em cima.

O senhor é um dos arquitetos da Bossa Nova. Como você vê seu papel agora —

não apenas como criador, mas como guardião dessa memória?

Olha... o senhor está no céu. E como você observa agora, meu papel não é apenas como criador, mas como guardião dessa memória. Sim, sou um dos arquitetos da bossa nova... claro, porque não consegui ser arquiteto na vida, arquiteto na minha profissão de origem, mas acho que sou um dos arquitetos da bossa nova e acho que estou cumprindo meu papel. Tenho a preocupação de manter a nossa coisa acesa mais atual, não ficar de vivendo de passado. E a gente está conseguindo.

Você reencontra no palco

artistas com quem columbia uma história em comum com a Alaide Costa e a Wanda Sá, para quem você produziu seu álbum de estreia. Mas um de seus colegas neste projeto, o Theo Bial, representa uma geração que não viveu o nascimento da bossa nova. Como é para o senhor ver essa música reinterpretada por jovens artistas?

O Theo é um seguidor da gente, sabe? Para nós é muito, mas muito, importante ver que um cara jovem como o Theo que viveu e bebeu de nossa música, dessa tradição, e está hoje trazendo sua contribuição. Eu estou fazendo músicas com ele, já temos umas quatro, e vamos fazer um álbum juntos. Theo é um dos caras-chave para o seguimento da bossa nova. Todo mundo vai gostar muito dele, tenho certeza.

A bossa nova é frequentemente tratada como um movimento datado na história da música brasileira. Ela está viva? Pode gerar coisas novas?

Sim, ela está viva, muito viva! A gente acabou de fazer uma série de shows pelo Nordeste, São Paulo, Rio Grande do Sul, todos eles lotados. Você pode conferir. Em Porto Alegre era um teatro de 1.100 lugares todo lotado. Então, a nossa música está viva.

CORREIO CULTURAL



Paulo Liv/Divulgação

O evento dá visibilidade ao cinema decolonial

Cine Odeon recebe o Encontro Zózimo Bulbul

A partir das 13h desta quinta (10), o Cine Odeon se transforma no polo exibidor das narrativas decoloniais do Encontro de Cinema Negro Zózimo Bulbul, que realiza sua edição de 18 anos até 17 de abril, com entrada gratuita.

O evento leva o nome do ator e cineasta – consagrado na década de 1970 pela realização do seminal “Alma no Olho” – que se tornou um ícone das lutas antirracistas e

da celebração do pan-africanismo.

As projeções desta tarde começam com o filme carioca “Na Sua Companhia”, de Magna Domingues, seguido pela produção da Costa do Marfim “Loin De Moi La Colère”, de Joël Akafou. Às 17h, o diretor Clementino Junior exibe “Punhal”, seguido por “Brasiliana: O Musical Negro Que Apresentou O Brasil Ao Mundo”.

Imortal e diretora celebradas

Este ano, o Encontro Zózimo Bulbul homenageia a escritora e imortal da ABL Ana Maria Gonçalves, autora de “Um Defeito De Cor”, e a diretora Viviane Ferreira, fundadora da IAMO, Odun Filmes, empresa produtora voltada para o audiovisual identitário. O rol de convidados internacionais inclui o cineasta maliense Cheick Oumar Sissoko. Diferentes espaços culturais da cidade – MAR, Teatro Carlos Gomes, Galpão Bela Maré, Cine Carioca Penha – se alinham com o festival ao longo de sua programação.

Rock na praça

Neste sábado e domingo (11 e 12), a Praça Saens Peña será palco de um fim de semana dedicado ao rock e à convivência ao ar livre com o Rock 80 Festival. O evento gratuito reúne 10 apresentações musicais ao longo de dois dias, das 12h às 22h. Programação: @rock80festival.

‘Avatar’ em tela GGG

Maior tela de cinema do mundo, o Open Air exibe nesta quinta (9) “Avatar: Fogo e Cinzas”. Vencedor do Oscar de Melhores Efeitos Visuais, o longa de James Cameron é o terceiro da franquia que teve início com o filme com a maior bilheteria da história do cinema.

Essas mulheres são nota 100

A Womenice Global Foundation Inc anuncia o lançamento da primeira edição do Top 100 Mulheres Inspiradoras da Lusofonia 2026, lista que reúne mulheres de países como Brasil, Portugal, Angola e Moçambique. Entre as brasileiras estão Fernanda Montenegro (foto), Gisele Bündchen, Anitta, Xuxa, Rebeca Andrade, Ludmilla, Taís Araújo e Bruna Marquezine.

PAULO BELOTE / Reprodução



Cacá Meireles/Divulgação

Além de cantora e compositora, Ava Rocha é cineasta, montadora, performer, artista visual e poeta

Ava Rocha aposta no minimalismo

Multiartista apresenta seu projeto ‘Femme Frame #2’ nesta quinta no palco do Manouche

AFFONSO NUNES

Conhecida por trabalhar várias linguagens artísticas, Ava Rocha apresenta o lado mais essencial de sua produção no espetáculo “Femme Frame #2” nesta quinta-feira (9) no palco do Manouche. A apresentação em voz, piano e violão faz parte da série “Femme Frame”, iniciada em novembro de 2022 no Teatro do Centro da Terra, em São Paulo, composta por quatro espetáculos com formatos e repertórios distintos. Este segundo encontro reúne a cantora e compositora com o pianista Chicão.

Além de cantora e compositora, Ava atua como cineasta, performer, artista visual e sonora, montadora e poeta. Seu timbre de contralto grave marca presença em um repertório que mistura canções de seus quatro discos lançados, peças do álbum “Néktar” (julho de 2023) em novas versões, e composições de outros artistas. Na setlist estão “Lamento”, “Pra Dizer Adeus” e “Dejame Recordar”, do cubano Bola de Nieve – que ela canta pela primeira vez –, além de trabalhos de composito-

“O show mapeia minha trajetória ao navegar entre instantes poéticos e projeções imagéticas no campo do improviso e da construção orgânica”

AVA ROCHA

res como Negro Leo.

“O show mapeia minha trajetória ao navegar entre instantes poéticos e projeções imagéticas no campo do improviso e da construção orgânica, cinematográfica e teatral em que o espírito da voz é o condutor”, explica Ava. A dinâmica entre a artista e Chicão ao piano estrutura o concerto em torno dessa voz como elemento central.

A carreira de Ava Rocha inclui reconhecimento internacional. Seu trabalho figurou entre os melhores discos do ano no New York Times e foi tocado por Iggy Pop na BBC. Como compositora, teve canções gravadas por artistas como Tulipa Ruiz, Fafá de Belém, Lia de Itamaracá, Jards Macalé e Ana Frango Elétrico.

“Femme Frame #2” representa um recorte específico de sua pes-

quisa — o encontro entre a voz e o piano em formato intimista. A série maior, com seus quatro formatos distintos, sugere uma exploração sistemática de como sua voz se comporta em diferentes contextos e acompanhamentos. Este show, em particular, prioriza a escuta próxima e a relação direta entre os dois intérpretes.

SERVIÇO

AVA ROCHA — FEMME FRAME #2

Manouche (Rua Jardim Botânico, 983 — subsolo da Casa Camolese, Jardim Botânico)
9/4, às 21h

Ingressos: R\$ 120 e R\$ 60 (meia solidária, com doação de 1kg de alimento não perecível ou livro para o Retiro dos Artistas)

A musicalidade visceral de Almério

Cantor e compositor pernambucano apresenta repertório de seu quarto álbum de estúdio nesta quinta no Espaço Cultural BNDES

AFFONSO NUNES

Intenso e visceral, Almério chega ao Espaço Cultural BNDES nesta quinta-feira (9) para apresentar “Nesse Exato Momento”, disco que marca duas décadas de carreira do cantor e compositor pernambucano. Lançado em 2024, o álbum é o quarto trabalho solo de estúdio e consolida sua posição entre os nomes mais singulares da nova MPB.

Nascido em Altinho, no Agreste de Pernambuco, Almério pavimentou seu caminho musical unindo a tradição musical nordestina a uma linguagem pop sofisticada, com uma presença cênica que combina intensidade vocal e dramaticidade em cada interpretação.

O novo trabalho foi produzido por Juliano Holanda, que também assina a maioria dos arranjos. Segundo Almério, em entrevista à Revista O Grito!, a

sonoridade foi pensada de forma deliberada: “Querida muito fazer um disco de sonoridade robusta, forte, percussivo, mangue, rock & roll, MPB, minhas referências! Então chamei Juliano Holanda, que me conhece muito bem, conhece cada gesto meu, cada olhar, e sabe reagrupar minhas ideias como ninguém.”

A força do disco reside também nas parcerias femininas. Almério trouxe composições de Zélia Duncan, Ceumar, Isabela Moraes, Joanna Terra, Ezter Liu e Ana Paula Marinho. “Naturalmente eu sempre fui cercado dessa força feminina, desde pequeno. O mundo masculino era muito violento pra mim, pra uma criança com trejeitos, então sempre me abriguei nessa força feminina. Quando fiz o repertório do disco percebi que tinha muitas compositoras presentes”, justifica.

A participação mais emblemática vem de Maria Bethânia, que canta em “Quero Você”. Al-



Diego Thompson/Divulgação

Almério apresenta ao público carioca o repertório de seu álbum mais recente

mério se emociona ao falar sobre o encontro: “Bethânia é um divisor de águas. Ela me abençoou como artista e compenhou todas as minhas lutas. Me senti renovado, como se tivesse renascido. Ela arrebatou a represa da minha arte e fez escoar muitos sentimentos.”

O disco contém 12 faixas que exploram temas como urgência, afeto, toxicidade nas relações e a vida acelerada dos tempos atuais. A faixa-título traduz o espírito do trabalho. “É o nosso impulso mais verdadeiro. O elã dos nossos impulsos... o elã da fala, o elã do diálogo, o elã do olhar, o elã da arte. É o meu olhar sobre tudo que está à minha volta, agora. Sobre o meu amor político, os atravessamentos do amor, no mundo em que eu me encontro hoje. São as intempéries de existir num mundo tão caótico, tão violentamente veloz”, sintetiza o artista, ao falar deste trabalho recebido com entusiasmo pela crítica.

O show no BNDES contará com sua banda formada por Raphael Beltrão Pereira Neto (bateria), Felipe de Lima (baixo) e Carlos Filizola (guitarra). Em 2018, Almério venceu o Prêmio da Música Brasileira na categoria Revelação; em 2020, foi indicado ao Grammy Latino pelo álbum “Acaso Casa – Ao Vivo”, em parceria com Mariene de Castro.

SERVIÇO

ALMÉRIO — NESSE EXATO MOMENTO

Espaço Cultural BNDES (Av. República do Chile, 100 — Centro)

9/4, às 19h.

Entrada franca

ROTEIRO MUSICAL

POR AFFONSO NUNES

Divulgação



Irmãos de arte e de axé

Irmãos artísticos a comungar o mesmo axé, Igor de Carvalho e Moreno Veloso se apresentam no Blue Note Rio nesta quinta (9), às 20h. A apresentação reúne os artistas em um repertório que inclui composições autorais de ambos e canções desenvolvidas em parceria. O espetáculo explora a relação entre amizade e criação musical, destacando um diálogo entre suas trajetórias. A formação instrumental foi concebida para valorizar a escuta e a sonoridade das canções, alternando momentos intimistas com passagens de maior expansão.

Divulgação



Entre chamegos e xodós

Amanda Mendonça apresenta o show “Xodó em Flor” no Áudio Rebel nesta quinta (9), às 20h. A artista explora gêneros como pop, forró, balada, ijexá, MPB e rock. O repertório abrange canções autorais, incluindo “Casa de Memórias” e “Vida Cigana”, e releituras de canções de Gilberto Gil, Milton Nascimento, Fagner, Lenine e Gonzaguinha. O espetáculo explorando temas de memória e afeto. “A cada olhar, a cada um que se identifica comigo, sinto que posso estar fazendo a diferença de alguma forma”, diz Amanda.

Divulgação



Viagem ao rock oitentista

Avellar Love e os Bonobobos se apresentam no Blue Note Rio nesta quinta (9), às 22h30. O show, com direção musical de Dodo Ferreira, conta com a banda formada por Kadu Menezes, Mimi Lessa e Leandro Corin. O repertório inclui canções dos Miquinhos Amestrados (antiga banda de Avellar), sucessos dos anos 1980 e clássicos do rock nacional e internacional, como Léo Jaime, Eduardo Dusek, Rita Lee, Elvis Presley e Roberto & Erasmo Carlos. A performance promete uma experiência de rock e alegria.

Carol Quintanilha/Divulgação



'A Fabulosa Máquina Do Tempo' abriu sua carreira na Berlinale

É real | à vera

Com 75 produções de 25 nações, o festival É Tudo Verdade celebra o cinema documental ocupando o Estação Net Rio com radiografias do mundo e exercícios de brasilidade

RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

Horas depois de a aula de nostalgia à inglesa "Bowie: O Ato Final", de Jonathan Stiasny, ter feito "Starman", "Heroes" e "Space Oddity" ecoar na lembrança do público paulistano do É Tudo Verdade, na abertura de SP da 31ª edição do evento, é a vez de Alceu Valença abrir caminhos para o maior festival de documentários das Américas em solo carioca. "VIVO 76" é a atração de abre-alas, na cidade, da maratona criada há três décadas pelo jornalista, cineasta e curador Amir Labaki. Passa esta noite no Estação NET Rio, para convidados, às 20h. Terá mais duas sessões, lá mesmo, no sábado, às 17h30 e às 18h30.

O filme, dirigido por Lírio Ferreira (de "Sangue Azul"), é

uma viagem lisérgica e documental pelo universo de Alceu, celebrando os cinquenta anos de um disco de 1976 que virou um marco definitivo da psicodelia brasileira e da resistência cultural. Com arquivos raros e encontros contemporâneos, Lírio resgata a "sopa seminal" pernambucana que uniu ritmos tradicionais e a vanguarda do deserto, revelando Alceu como figura central do underground nordestino.

Até o dia 19, o É Tudo Verdade... ou ETV, como é conhecido... vai projetar 75 filmes de 25 países. Um dos títulos mais aguardados por aqui é "Mestre Zu", de Zelito Viana, que vai entupir o Estação NET Rio de repórteres em suas três sessões, no domingo (às 17h30, às 18h e às 18h30). Sua estrutura estética se forma a partir de um encontro na casa de seu realizador, na qual jornalistas, familiares e amigos que conviveram e trabalharam com Zuenir Ventura revisitam memórias e episódios que marcaram sua trajetória. Entre lembranças,



Divulgação



Divulgação

'Vivo 76' abre a edição carioca do É Tudo Verdade nesta quinta com olhar de Lírio Ferreira sobre Alceu Valença

histórias de redação, bastidores da imprensa e discussões sobre sua obra literária, o documentário traça um retrato de um dos nomes mais respeitados do jornalismo brasileiro, autor dos semanais "1968 - O Ano Que Não Acabou" e "Cidade Partida".

Tem uma seleção competitiva de peso este ano no ETV. Os concorrentes estão listados nesta página. O júri da competição brasileira é composto pela cineastas Carol Benjamin, a pesquisadora e diretora Helena Tassara e o realizador premiado em Cannes Eryk Rocha. Já o júri da competição internacional inclui a diretora de fotografia e também cineasta brasileira Heloisa Passos, o documentarista uruguaio Ricardo Casas e a realizadora Vivian Ostrovsky, nascida em Nova York, criada no Rio e formada em Paris.



RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

Ninguém que circulou nos últimos dias pela maior maratona teatral do país, realizada (há três décadas) no Paraná, saiu do evento sem notar “Visita A Domicílio”, história de reencontro que parece ter calado no fundo nos corações solitários (e naqueles bem acompanhados) na plateia.

O Hotel Mabu, no Centro da capital paranaense, tinha folders e pequenos cartazes dessa peça por todo lado. Nestes tempos digitais, onde tudo é QR Code e postagens de Instagram, quem acredita que a comunicação via papel está obsoleta caiu do cavalo com a estratégia por trás da coprodução Brasil x Argentina baseada num texto de Alberto Romero. A ocupação do olhar por meio de uma campanha gráfica impressa deu certo e gerou um interesse convertido em boca a boca dos mais entusiasmados, com direito a “É Imperdível!”. Haverá uma apresentação a mais desse rasga-coração estrelado pelo argentino Juan Manuel Tellategui e pelo brasileiro Cícero de Andrade nesta quinta, às 18h30, no Teatro Paiol.

Seu enredo engloba um dos substantivos preferidos pelas artes cênicas desde a paixão entre Édipo e Jocasta, lá na milenar Tebas dos Antigos: o benquerer proibido, interdito, censurado, ou, no caso, alvejado pela intolerância. A premissa da dramaturgia de Romero é uma pergunta: o que você faria se encontrasse seu primeiro grande amor da adolescência 25 anos depois... e de forma inesperada? O 34º Festival de Curitiba tem uma resposta para essa demanda numa love story, com a trombada inusitada entre Gabo e Fernando. Eles viveram um amor escondido na adolescência, por conta do preconceito ao redor. Passou-se um quarto de século desde o sumiço repentino de um deles. Agora, por conta da traquinagem do Cupido, rola um esbarrão inesperado entre eles em Buenos Aires. E agora? Faz-se o quê?

A peça celebra os 30 anos de carreira de Juan Manuel Tellategui, idealizador do projeto, que vive Gabo. Celebram-se também os 20 anos de carreira de Cícero de Andrade, que dá vida a Fernando. Ambos atuam sob a direção de Zé Guilherme Bueno e Miguel Arcaño Prado.



‘Visita a Domicílio’ se impõe nos palcos paranaenses ao celebrar um reencontro

Sempre teremos o amor

‘Visita A Domicílio’, estruturada na ponte Brasil x Argentina, consagra-se no gosto do público da maior maratona teatral do país, que há de transcender com Angel Ferreira em ‘Sidarta’

cru: “uma comédia contemporânea para aqueles que os amam e para os que os odeiam”. Dois acadêmicos assumem o desafio de apresentar uma palestra quando as coisas tomam rumos inesperados. O espetáculo desconstrói a imagem do palhaço, pesquisando os diversos significados que a profissão adquiriu ao longo do tempo. A ideia é distorcer arquétipos clássicos da palhaçaria, transitando entre o passado e o presente, misturando influências culturais e técnicas teatrais para mergulhar na identidade em constante evolução do palhaço. A encenação será na Caixa Cultural de Curitiba.

Esta noite, Angel Ferreira vai demolir os arames mais bem farpados do moralismo ao levar seu festejado “Sidarta” para o Teatro José Maria Santos. De 1 a 24 de maio, a produção vai ser encenada no Rio, na sede da Cia dos Atores, na Escadaria Selarón. Sua dramaturgia é inspirada no livro homônimo publicado em 1922 pelo alemão naturalizado suíço Hermann Hesse (1877-1962), autor vencedor do Prêmio Nobel de Literatura, em 1946. Na narrativa cênica, a plateia acompanha Sidarta, filho de Brãmane, em sua saída da casa dos pais. Seguido por seu melhor amigo, ambos aderem aos “Samanas”, vertente espiritual que busca a iluminação por meio da mortificação do corpo. Desconfiado e desiludido com as doutrinas, conhece o próprio Buda e dele também se afasta, determinado a encontrar seu próprio caminho. Estabelece relação com uma cortês da cidade, torna-se comerciante, embrenha-se no vício e no materialismo para novamente deixar tudo para trás e retornar à simplicidade.

Angel transpôs o romance para a cena sob a supervisão artística de Beth Martins e Renato Livera, numa interlocução dramaturgicamente com Walter Daguerre. Sua interpretação arrebatou.

O Festival de Curitiba encerra suas atividades neste domingo.



‘Sidarta’ revisita Hermann Hesse e a noção moderna da transcendência



‘Como Um Palhaço - Like a Clown’ põe a comédia em discussão

No time criativo, “Visita A Domicílio” tem direção de movimento de Zuba Janaina e conta com cenografia e figurino de Kleber Montanheiro. A iluminação é de Nicolas Manfredini.

A sagacidade desse coletivo em espalhar registros de “Visita A Domicílio” por Curitiba fez com que um potencial sucesso tivesse lugar na ribalta. A primeira apresentação foi na terça, na grade do Fringe, a se-

ção do festival dedicada a exercícios de ousadia. Nessa seara, esta tarde, o TELAB - Teatro Laboratório da FAP recebe “O Canto da Mulher-Pássaro”, expressão de Raiane Lima como performer e dramaturga, sob direção de Íris Xavier, numa discussão sobre a noção de “corpa”, numa afirmação feminina da corporalidade.

Caminhando-se para sua reta final, o Festival de Curitiba recebe,

nesta sexta-feira, aqui do Rio de Janeiro, o que promete ser uma cerimônia de riso e ironia: “Como Um Palhaço - Like A Clown”. Em cena, a direção, a dramaturgia e a interpretação ficam por conta de Helena Bittencourt e Goos Meeuwssen. Trata-se de uma palestra sobre palhaçaria... ou quase isso.

A sinopse oficial se refere a artistas que usam a menor máscara do mundo (o nariz vermelho) de modo